



**JEL** UERJ  
Jornadas de Estudos da Linguagem  
02 a 04 de DEZEMBRO de 2010



### **Mais do Menas: onde a Exposição jamais esteve!**

Thayane Santos Antunes (UERJ)  
Ricardo Joseh Lima (UERJ)

[thayumi@gmail.com](mailto:thayumi@gmail.com)

A presente pesquisa iniciou-se a partir da descoberta de uma exposição que durou de 15 de março a 27 de junho desse ano (posteriormente estendida até 18 de julho) no Museu da Língua Portuguesa, em São Paulo, atraindo, segundo o site, dois milhões de visitantes até o dia 29 de maio. Os idealizadores desta exposição, cujo nome oficial foi “Menas – o certo do errado, o errado do certo”, tinham como proposta desmistificar os supostos erros cometidos pelos falantes da Língua Portuguesa. A partir disso, uma visita foi feita à mesma, buscando verificar se tal objetivo se concretizava nas instalações expostas. Essa visita foi motivada por entrevistas e matérias em jornais, revistas, televisão, internet, em que os idealizadores da exposição reafirmavam seu caráter inovador e propagador, enfatizando um novo olhar para o erro, em que este seria re-analisado, e a partir disso não mais visto como erro, mas como uma forma que deveria ser aceita e estudada. Apesar de parecer ser uma exposição revolucionária em virtude do tema apresentado, algumas falhas no objetivo proposto foram encontradas. O erro, apesar de em alguns momentos da exposição ser tratado como algo comum e corriqueiro, continuou sendo considerado um erro em diversas partes da mesma. Em primeiro lugar, durante a visita feita ao museu – que contava com diversos recursos (jogos, vídeos, textos em paredes, “enigmas...”) – um dos monitores foi questionado sobre os supostos erros que haviam sido colocados em uma parte específica da exposição, em uma parede. Esse monitor, por sua vez, afirmou que “Tudo que está ali está errado mesmo”. Isso pode ser devido ao fato de ter havido dois espaços para apresentação de erros, um em frente ao outro. No espaço dos jogos, havia o encaminhamento de que nenhuma opção estaria errada. Já no espaço da parede, os erros não eram justificados, mas sim corrigidos, acompanhados da explicação do que seria o “correto”. Em segundo lugar, notamos um problema no vídeo das “Normas”. Esse vídeo, apesar de ser uma discussão interessantíssima sobre a Língua Portuguesa em seus diversos campos – semântico, sintático, normativo e descritivo – é finalizado de modo abrupto logo após a fala de uma das Normas, o que causa a impressão de que a mesma venceu a discussão. Esta Norma vencedora, por sua vez, é aquela que defende que a Língua Portuguesa deve ser sempre utilizada em sua Norma Padrão, pois esta seria a única correta. Esses espaços e o vídeo serão analisados nesta comunicação com o intuito de verificar ainda outros detalhes que tenham vindo a comprometer a intenção dos idealizadores da exposição. Ainda nesta comunicação, apresentaremos uma outra proposta de abordagem para a questão do certo e do errado em se tratando da Língua Portuguesa falada no Brasil. Essa proposta possui um caráter fortemente divulgador e

radical, pois acompanha ideias veiculadas por linguistas como Marcos Bagno, que propõe que a Linguística deve promover discussões e esclarecimentos a respeito dos conceitos de certo e errado. Retomamos, assim, uma das tarefas da Linguística tal como foi proposta por Saussure, de socializar o conhecimento proveniente desse campo de estudos, acrescentando-se um diálogo com o maior interessado nessa questão, o falante.

Palavras-chave: Sociolinguística; Norma Padrão; Divulgação Científica; Menas.

BAGNO, M. Dramática da língua portuguesa: tradição gramatical, mídia & exclusão social. São Paulo : Loyola. 2000.

BAGNO, M. NÃO É ERRADO FALAR ASSIM! Em defesa do português brasileiro. São Paulo : Parábola. 2009.

SAUSSURE, F. Curso de linguística geral. São Paulo : Cultrix. 1969.

Área do Trabalho: Sociolinguística

Tipo de apresentação: Comunicação.